

# A Economia numa Perspectiva Interdisciplinar

Luan Vinicius Bernardelli  
(Organizador)



**Luan Vinicius Bernardelli**

(Organizador)

# A Economia numa Perspectiva Interdisciplinar

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Karine de Lima  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
E19	<p>A economia numa perspectiva interdisciplinar [recurso eletrônico] / Organizador Luan Vinicius Bernardelli. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-505-1 DOI 10.22533/at.ed.051193007</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Economia. I. Bernardelli, Luan Vinicius. II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 330</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A ciência econômica é marcada pelo estudo do funcionamento dos mercados, determinação das taxas de juros, câmbio, entre diversos outros aspectos que são relacionados aos aspectos gerais macroeconômicos e microeconômicos. Contudo, o estudo das ciências econômicas possui um forte caráter multidisciplinar, o que potencializa o impacto dos estudos econômicos na sociedade.

É fundamental compreender como os agentes se organizam economicamente e, de maneira constante, buscar aprimorar a qualidade de vida das pessoas. O estudo da economia tem como finalidade principal aumentar o bem-estar da sociedade, contudo, trata-se de um processo complexo que envolve uma série de fatores.

Dessa forma, a multidisciplinaridade tem muito a oferecer para o desenvolvimento da ciência e, conseqüentemente, para o entendimento das relações econômicas entre os seres humanos. Nesse sentido, no e-book “A economia numa Perspectiva Interdisciplinar”, apresenta-se artigos que contribuem para o estudo das ciências econômicas sob o enfoque multidisciplinar, abordando importantes temas sobre as atuais relações econômicas entre os agentes.

A complexidade dos agentes econômicos impossibilita a reprodução e o entendimento das relações econômicas por meio de uma ciência exata. Nesse sentido, a economia é estudada como uma ciência social, que deve ser constantemente testada e mensurada, a fim de se aprimorar o modo de organização social.

A organização deste livro não está pautada sob um critério único, dado a diversidade de temas e métodos que são apresentados. Neste livro, o leitor poderá contemplar 35 capítulos que debatem a economia numa perspectiva interdisciplinar. Os trabalhos abrangem diversas temáticas, como o desenvolvimento econômico sob o enfoque regional e territorial, a fim de mostrar a importância do espaço e da região nos estudos econômicos. Questões relacionadas ao comportamento do consumidor nos tempos atuais também podem ser apreciadas. Importantes conceitos sobre uma Economia Solidária, que se trata de uma temática de estudo em constante evolução no Brasil e possibilita o desenvolvimento de formas alternativas de geração de emprego e renda, principalmente para pessoas de baixa renda. Além disso, diversos outros textos discutem questões pertinentes no atual contexto econômico.

Neste livro também se encontram trabalhos sobre diversas regiões e estados brasileiros, evidenciando que, além de uma grande diversidade em relação aos temas e métodos, a ciência econômica sob caráter interdisciplinar está sendo investigada em todo território nacional e contribui com todas regiões do Brasil. Dessa forma, o leitor poderá contemplar estudos de pesquisadores de todo o país, de Universidades Estaduais, Federais, centros e instituto de pesquisa, entre outras importantes entidades contribuintes à ciência nacional.

Por fim, desejo que o leitor desfrute dos artigos apresentados nesta edição, ressaltando a importância do estudo das ciências econômicas sob caráter

interdisciplinar. Certamente, este livro dará suporte aos leitores para a compreensão da importância do estudo da economia e suas áreas correlatas.

Luan Vinicius Bernardelli,  
Doutorando em Teoria Econômica pelo PCE/UEM

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
AGÊNCIAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL (DO OESTE) DE SANTA CATARINA: ANÁLISE SÓCIO ECONÔMICA DO PERÍODO DE 2000 A 2010	
Alyne Sehnem Juliano Luis Fossá Marcia Berti Fiorin	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0511930071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
A PARTICIPAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL NO DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL	
Seonária Costa Santana Alane Amorim Barbosa Dias Cleudson Santos de Jesus	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0511930072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>21</b>
O PAPEL DO TERRITÓRIO NOS DESAFIOS DA ORGANIZAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DAS REDES SOLIDÁRIAS	
Silvia Aparecida Guarnieri Ortigoza Auro Aparecido Mendes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0511930073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>33</b>
A ECONOMIA PAULISTA ANTES DO CAFÉ: AGRICULTURA, COMÉRCIO E DINÂMICAS MERCANTIS NA REGIÃO DE “SERRA ACIMA” (C. 1800-C. 1820)	
Marco Volpini Micheli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0511930074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>60</b>
CAFEICULTURA, URBANIZAÇÃO E CAPITALISMO: O CAMPO E A CIDADE NO SÉCULO XIX, JUIZ DE FORA-MG	
Felipe Marinho Duarte	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0511930075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>74</b>
MODA, CULTURA E CONSUMO EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO	
Ana Paula Nobile Toniol Sara Albieri	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0511930076</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>87</b>
COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR E NOVAS PROCURAS: OS VALORES CULTURAIS DO QUEIJO MINAS ARTESANAL	
Lélis Maia de Brito Lidiane Nunes da Silveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0511930077</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>99</b>
COMIDA DE PET: COMENSALIDADE INTERESPÉCIE	
Juliana Abonizio	
Eveline Teixeira Baptistella	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0511930078</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>112</b>
CONSUMO, BENEFICIAMENTO E COMERCIALIZAÇÃO DE FRUTAS NO ASSENTAMENTO TERRA VISTA- ARATACA-BA	
Telmara O. Benevides Campos	
Ricardo de Araújo Kalid	
Milton Ferreira da Silva Junior	
Maria Olímpia Batista de Moraes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0511930079</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>125</b>
OS PASSATEMPOS DA VIAGEM: UMA ABORDAGEM SOBRE AS RELAÇÕES DE CONSUMO NOS BRT DA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE	
Marília do Nascimento Silva	
Alcides Jairon Lacerda Cintra	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>137</b>
CONECTANDO AGRICULTURA – ALIMENTAÇÃO - DESENVOLVIMENTO: UMA ANÁLISE DO CAMPO CIENTÍFICO	
Caroline Conteratto	
Álvaro Sérgio Oliveira	
Daiane Thaise Oliveira Faoro	
Gabrielli do Carmo Martinelli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>147</b>
ECONOMIA SOLIDÁRIA E AUTOGESTÃO COMO BASES PARA UMA NOVA CONDIÇÃO MATERIAL DA EXISTÊNCIA	
Yuri Rodrigues da Cunha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300712</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>159</b>
DESAFIOS DA AUTOGESTÃO E ESTUDOS ORGANIZACIONAIS EM SOLIDÁRIA	
Gabriel Gualhanone Nemirovsky	
Édi Augusto Benini	
Elcio Gustavo Benini	
Eziel Gualberto de Oliveira	
Henrique Tahan Novaes	
Martina Nogueira Lima	
Raphael Camargo Penteadó	
Gustavo Henrique Petean	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300713</b>	



<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>173</b>
ECONOMIA SOLIDÁRIA, PRÁTICAS ESPACIAIS E TERRITÓRIOS DISSIDENTES EM RIO CLARO (SP)- BRASIL	
Auro Aparecido Mendes Sílvia Aparecida Guarnieri Ortigoza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300714</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>182</b>
EDUCAÇÃO POPULAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA: UMA PARCERIA POTENTE NA LUTA POLÍTICA	
Ana Elídia Torres	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300715</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>191</b>
UM OLHAR SOBRE A QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO EM EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS	
Lourença Santiago Ribeiro Diego Palma de Castro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300716</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>201</b>
GERAÇÃO DE RENDA EM ECONOMIA SOLIDÁRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA OFICINA COM USUÁRIOS DE CAPS-AD II	
Gabriela Zanim Patrícia Tosta Soares Regina Célia Fiorati	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300717</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>213</b>
CURSO FORMATIVO PARA O FORTALECIMENTO DA REDE DE ECONOMIA SOLIDÁRIA E DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E SAUDÁVEL EM RIBEIRÃO PRETO-SP	
Mariana Pantoni Santana Regina Célia Fiorati Perla Calil Pongeluppe Wadhy Rebehy Regina Yoneko Dakuzaku Carretta Daniel Yacoub Bellissimo Julia Terra Ribeiro do Vale Marta Cristiane Alves Pereira Rogério Cerávolo Calia José Luiz Bahia Patrícia Soares	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300718</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>222</b>
ESTUDO DE CASO: IMPLANTAÇÃO DE UMA INCUBADORA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA NA UTFPR/ CÂMPUS DE APUCARANA	
Márcia Cristina Alves Marcelo Capre Dias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300719</b>	

<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>234</b>
SABERES E SABORES: A EXPERIÊNCIA DE UMA FEIRA DE ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA (BA)	
Alessandra Oliveira Teles Wesley Freire dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300720</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>246</b>
O DESAFIO DA ARTICULAÇÃO ENTRE ENSINO SUPERIOR DE GRADUAÇÃO E PRÁTICAS DE EXTENSÃO: ESTUDO DE CASO DA TEMÁTICA DE COOPERATIVISMO NA UFFS	
Raoni Fernandes Azerêdo Pedro Ivan Christoffoli Anelize de Souza Muller Campos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300721</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>258</b>
ELEMENTOS PARA A DETERMINAÇÃO MATERIAL DO DIREITO NOS TEXTOS ECONÔMICOS TARDIOS DE MARX: O MOVIMENTO DO DIREITO NA VIA CLÁSSICA	
Lucas Almeida Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300722</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>278</b>
FORMAS ESTATAIS E REGIMES DE ACUMULAÇÃO DE CAPITAL	
Matheus de Araújo Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300723</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>291</b>
EVOLUÇÃO DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA: UMA COMPARAÇÃO ENTRE INDÚSTRIA EXTRATIVA E INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO NO PERÍODO DE 2000 A 2011	
Luciane Rosa de Oliveira Bruna Márcia Machado Moraes Angélica Pott de Medeiros Reisoli Bender Filho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300724</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>311</b>
MODELO DE GESTÃO PARA AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES RURAIS MEDIANTE A APLICAÇÃO DE MÉTODO SWOT	
Caroline Conteratto Laura Possani Gabrielli do Carmo Martinelli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300725</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>322</b>
MERCADORES DE OBRIGAÇÕES: COMÉRCIO, DÁDIVAS E RECIPROCIDADE NA TROCA DE VALORES NA FEIRA DA 25 DE SETEMBRO EM BELÉM/PA	
José Maria Ferreira Costa Júnior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300726</b>	

<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>335</b>
RELEVÂNCIA DA IMAGEM CORPORATIVA DO BANCO CENTRAL DO BRASIL: UM ESTUDO COM ANÁLISE FATORIAL EXPLORATÓRIA	
Paulo Roberto da Costa Vieira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300727</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>347</b>
EBC: A CIDADANIA PERDIDA	
Valéria de Castro Fonseca	
Célia Maria Ladeira Mota	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300728</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>358</b>
A PREVIDÊNCIA SOCIAL DOS (DES)ASSISTIDOS TRABALHADORES EM EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS	
Arlete Candido Monteiro Vieira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300729</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>372</b>
IMPACTOS DA AÇÃO CIVIL PÚBLICA DO CARVÃO MINERAL NA ECONOMIA DO SUL DE SANTA CATARINA	
Eduardo Netto Zanette	
Silvio Parodi Oliveira Camilo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300730</b>	
<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>395</b>
VIVER ENTRE O MAR E A TERRA: UMA COMPARAÇÃO DO PERFIL SOCIAL E ECONÔMICO DOS PERSEGUIDOS PELO TRIBUNAL DA INQUISIÇÃO EM SALVADOR E CARTAGENA DAS ÍNDIAS XVI-XVII	
Jéssika de Souza Cabral	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300731</b>	
<b>CAPÍTULO 32</b> .....	<b>415</b>
OS APARATOS INFOTELECOMUNICACIONAIS E A DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO IDEOLÓGICA NO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO	
Edvaldo Carvalho Alves	
Fellipe Sá Brasileiro	
Edilson Targino de Melo Filho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300732</b>	
<b>CAPÍTULO 33</b> .....	<b>425</b>
RÁDIOS LIVRES E A DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO: UMA PERSPECTIVA MUDA	
Ricardo Franco Llanos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300733</b>	
<b>CAPÍTULO 34</b> .....	<b>438</b>
GESTÃO DA COMUNICAÇÃO PÚBLICA EM UMA UNIVERSIDADE MULTICAMPI	
Tiago Santos Sampaio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300734</b>	

<b>CAPÍTULO 35 .....</b>	<b>449</b>
<i>SOFTWARE LIVRE E TECNOLOGIA PARA INCLUSÃO SOCIAL</i>	
Flávio Gomes da Silva Lisboa	
Marilene Zazula Beatriz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300735</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>460</b>

## SOFTWARE LIVRE E TECNOLOGIA PARA INCLUSÃO SOCIAL

**Flávio Gomes da Silva Lisboa**

Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Curitiba – PR

**Marilene Zazula Beatriz**

Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Curitiba – PR

**RESUMO:** Neste artigo pretende-se explorar a relação entre o *software* livre, conforme definido pela *Free Software Foundation* (2001) e a tecnologia para inclusão social, cognominada por Dagnino (2014) como “tecnologia social”, sob o pressuposto de que o principal elemento de intersecção entre os dois conceitos é a proposta de inclusão – digital para o primeiro e social para o segundo. Essa exploração é feita a partir dois corpus de referências. O corpus dinâmico consiste nos resultados de pesquisa bibliométrica de artigos publicados entre 2013 e 2017 com as palavras-chave “*software* livre” e “tecnologia social” ou “*free software*” e “*social technology*” em bases de periódicos científicos nacionais e internacionais. O corpus estático consiste em três referências distintas: a primeira é o artigo de Triana (2014), que aborda a questão do *software* livre como uma tecnologia social; a segunda é a descrição do *software* livre Noosfero no Banco de Tecnologias Sociais da Fundação Banco do Brasil; e a terceira é

o estudo de caso de duas cooperativas que trabalham com *software* livre, a Colivre e a EITA.

**PALAVRAS-CHAVE:** Economia Solidária. Inclusão Digital. Inclusão Social. *Software* Livre. Tecnologia Social.

### FREE SOFTWARE AND TECHNOLOGY FOR SOCIAL INCLUSION

#### INTRODUÇÃO

O dicionário Michaelis (MELHORAMENTOS, 2018) traz como uma das definições de intersecção o “encontro de duas linhas ou de dois planos que se cortam” ou em uma só palavra “cruzamento”. Este trabalho aborda o cruzamento entre os conceitos de *software* livre (FREE SOFTWARE FOUNDATION, 2001) e de tecnologia social (DAGNINO, 2014, p. 23-24). Ambos os conceitos estão ligados diretamente a movimentos sociais. O primeiro, ao movimento de *software* livre. O segundo, ao movimento da economia solidária. Entenda-se movimento aqui como o conjunto de “diferentes ações, políticas etc, que se verificam em diversas instâncias, de grau de institucionalização e organização variado, e por atores significativamente diferenciados” (DAGNINO, 2014, p. 53).

Antes de prosseguir sobre os movimentos de *software* livre e economia solidária, faz-se mister definir de que se trata cada uma dessas categorias.

Por “software livre” devemos entender aquele *software* que respeita a liberdade e senso de comunidade dos usuários. Grosso modo, isso significa que **os usuários possuem a liberdade de executar, copiar, distribuir, estudar, mudar e melhorar o software**. Assim sendo, “software livre” é uma questão de liberdade, não de preço.

[...] Com essas liberdades, os usuários (tanto individualmente quanto coletivamente) controlam o programa e o que ele faz por eles. Quando os usuários não controlam o programa, o programa controla os usuários. O desenvolvedor controla o programa e, por meio dele, controla os usuários. Esse programa não livre é “proprietário” e, portanto, um instrumento de poder injusto. (FREE SOFTWARE FOUNDATION, 2001)

Segundo Evangelista (2014, p. 197), o movimento de *software* livre “é um movimento que produz *softwares* e esses *softwares* se tornam produtos distribuídos no mercado de informática e que ocupam posições antes ocupadas, ou que poderiam ser ocupadas, por *softwares* proprietários”. *Software* proprietário é “aquele baseado no regime de propriedade exclusiva e no cercamento da informação” (CAMINATI, 2013, p. 47). O movimento de *software* livre, portanto, é contrário à propriedade privada do *software*.

A questão da propriedade também é fundamental ao movimento da economia solidária. Segundo Singer (2002, p. 10), “a economia solidária é outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual”.

A liberdade é outra questão de interesse compartilhado entre o movimento da economia solidária e o movimento de *software* livre. Segundo Stallman (2018), as liberdades definidas para o *software* livre “são essenciais não apenas para os propósitos individuais dos usuários, mas para a sociedade como um todo, pois elas promovem solidariedade social — isto é, compartilhamento e cooperação”.

[...] a cooperação entre os movimentos de *software* livre e de economia solidária oferece a oportunidade de tratar mais profundamente da defesa das liberdades públicas e privadas; em particular da ética e da libertação com respeito ao uso da Tecnologia da Informação. (STALLMAN e MANCE, 2012)

A economia solidária relaciona-se com outro conceito, o de tecnologia social. Dias e Novaes (2010, p. 156) afirmam que o conceito de tecnologia social, como é compreendido no Brasil, “diz respeito a uma tecnologia voltada principalmente para a inclusão social ou, mais amplamente, para a construção de um estilo alternativo de desenvolvimento”. Segundo Dagnino (2014, p. 213), a tecnologia social é uma “plataforma cognitiva de lançamento” da economia solidária, a qual ele entende como um “foguetete em fase de projeto”. Se o conceito de *software* livre relaciona-se com o de economia solidária e o conceito de economia solidária relaciona-se com o de tecnologia social, é possível que haja relação entre *software* livre e tecnologia social.

A inclusão social é o processo oposto ao da exclusão social, que Silva (2015, p. 76) define como “exclusão’ do mercado [de trabalho], seja pela propriedade dos fatores de produção ou pela oferta da força de trabalho”.

Neste contexto, o objeto desta pesquisa é a intersecção entre os conceitos de *software* livre de tecnologia social. Há atores e ações dos movimentos de *software* livre e de economia solidária em diversos países (LAVILLE, 2009; TAURION, 2004), mas esta pesquisa está limitada aos elementos que atuam no espaço do Brasil.

## MOTIVAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa fez parte da fundamentação teórica de um projeto de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, concluído em 2019 (LISBOA, 2019). Dentro da linha de pesquisa Tecnologia e Trabalho, esse projeto abordou a produção de *software* livre pelo Estado brasileiro, com um recorte de uma empresa estatal de tecnologia da informação, o Serviço Federal de Processamento de Dados. O objetivo foi compreender como se deu a construção de um *software* livre por funcionários da empresa sob a perspectiva da tecnologia social. Pressupôs-se que havia similaridades entre os conceitos de *software* livre e tecnologia social e então buscou-se fundamentação da intersecção entre as duas categorias por meio de pesquisa bibliográfica.

## OBJETIVO DA PESQUISA

O objetivo deste artigo é explorar referências sobre propostas de inclusão social e digital que fundamentem o pressuposto da inclusão como elemento essencial de intersecção entre os conceitos de *software* livre e tecnologia social.

## METODOLOGIA DA PESQUISA

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa exploratória com “levantamento bibliográfico e documental” (GIL, 2008, p. 27). Foram explorados dois corpus de materiais publicados: um dinâmico, constituído por artigos publicados entre 2013 e 2017 com referências a *software* livre e tecnologia social; e outro estático, constituído por três referências distintas: um artigo específico sobre *software* livre como uma tecnologia social (TRIANA, 2014), a ficha descritiva do *software* livre Noosfero no Banco de Tecnologias Sociais da Fundação Banco do Brasil e a documentação institucional de duas cooperativas que trabalham com *software* livre, a Colivre e a EITA.

## RESULTADOS OBTIDOS

Para determinar o estado da arte da pesquisa sobre a relação entre *software* livre

e tecnologia social, foram selecionadas para uma pesquisa bibliográfica as bases de dados internacionais Scopus e Web of Science e as bases nacionais de periódicos da Coordenação para Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior – CAPES –, do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT e da Universidade de São Paulo – USP. Foram procurados artigos, teses e dissertações publicados a partir de 2012 até 2017 – ano do início da pesquisa – com as combinações de termos “*software livre*” e “tecnologia social” e “*free software*” e “*social technology*”.

Não foram encontrados resultados nas bases Scopus e Web of Science. Na base de periódicos da CAPES foram encontrados 9 resultados para a combinação de termos “*free software*” e “*social technology*” e 1 resultado para a combinação “*software livre*” e “tecnologia social”. Na base do IBICT foi encontrado apenas um artigo para a combinação “*software livre*” e “tecnologia social”. Nenhum resultado foi encontrado na base de teses e dissertações da USP.

Os resultados da pesquisa bibliográfica estão sumarizados na Tabela 1. Por ela é possível perceber que dos 11 trabalhos encontrados na verdade há apenas 10 resultados únicos, pois um dos artigos está disponível em inglês e espanhol. Após a leitura dos resumos de cada um dos trabalhos, verificou-se que nenhum deles explora a relação entre *software livre* e tecnologia social. Após esse levantamento da produção recente sobre os dois conceitos, foram estudados materiais que foram identificados pontualmente ao longo de leituras no curso de mestrado em tecnologia e sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná e em eventos da área de estudos sociais da ciência e tecnologia.

Triana (2014) “se propõe traçar um paralelo teórico entre a definição de Tecnologias Sociais e as redes de *Software Livre*” e busca responder se o *software livre* pode ser considerado uma tecnologia social. Segundo Triana (2014, p. 92) “só se a população conseguir se transformar numa comunidade ciente das suas capacidades, isto é, utilizadora e desenvolvedora direta (SIC) do *software*, poderemos pensar que o *Software Livre* cumpre as tarefas teoricamente reservadas às Tecnologias Sociais”. Ou seja, na visão de Triana (2014), o *software livre* só pode ser considerado como uma tecnologia social se a população apropriar-se dele na plenitude de suas quatro liberdades (FREE SOFTWARE FOUNDATION, 2018). Essa visão traz implicitamente um pressuposto de inclusão digital como condição para uma efetiva inclusão social. De acordo com Triana (2014), sem a apropriação do *software livre* como meio de produção de soluções construídas pela própria população que as utilizarão, o *software* é apenas um produto a ser consumido e assim seu licenciamento é indiferente. Se o usuário não se inclui como um desenvolvedor, o *software livre* para ele é apenas um *software* gratuito.



<b>Autores</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Base</b>
BORB, G. L.	TIC, educação e projeto de trabalho: uma experiência no terceiro setor	2013	Portal brasileiro de publicações científicas de acesso aberto – Oasisbr
CHAI, N. WANNARUK, A. LIAN, A.	A corpus-based study on Chinese EFL learners' use of transitive constructions with neutral participants	2015	Portal de Periódicos da CAPES
FREIRE, F. ROGEL, D. RODRÍGUEZ, C.	Presence and impact of Andean universities in online social networks	2014	Portal de Periódicos da CAPES
FREIRE, F. ROGEL, D. RODRÍGUEZ, C.	La presencia e impacto de las universidades de los países Andinos en las redes sociales digitales	2014	Portal de Periódicos da CAPES
GAROFOLO, A. C. S. AMANCIO, C. O. G.	Impacto prospectivo da tecnologia do xaxim agroecológico utilizando o Inova-Tec System v 2.0	2013	Portal de Periódicos da CAPES
HSU, L.	Investigating community members' purchase intention on Facebook fan page	2017	Portal de Periódicos da CAPES
HSU, L. CHIH, W. LIOU, D.	Understanding community citizenship behavior in social networking sites	2015	Portal de Periódicos da CAPES
Journal of Pan African Studies	Women in Information Technology Innovation in Africa	2017	Portal de Periódicos da CAPES
KNOCHEL, A. D.	Assembling visuality: social media, everyday imaging, and critical thinking in digital visual culture	2013	Portal de Periódicos da CAPES
MCKIERNAN, E. C.	Imagining the “open” university: Sharing scholarship to improve research and education	2017	Portal de Periódicos da CAPES
ZWICK, D. BRADSHAW, A.	Biopolitical Marketing and Social Media Brand Communities	2016	Portal de Periódicos da CAPES

Tabela 1: Publicações sobre “software livre” e “tecnologia social” entre 2013 e 2017

Quatro referências bibliográficas de Triana (2014) fazem parte de uma coletânea de artigos publicada pela Fundação Banco do Brasil – FBB – no contexto da proposição de uma Rede de Tecnologia Social. Segundo Ritimo (2018), a “Rede de Tecnologia Social – RTS reúne, organiza, articula e integra um conjunto de instituições com o propósito de contribuir para a promoção do desenvolvimento sustentável mediante a difusão e a reaplicação em escala de Tecnologias Sociais”. Entretanto, até o término deste artigo, o sítio da RTS indicado na referência estava indisponível, sugerindo que essa organização havia suspenso suas atividades.

A FBB, entretanto, parece ter dado sequência ao propósito da RTS. De acordo com a documentação disponível em seu sítio institucional, a FBB se apresenta como uma entidade apoiadora de projetos de tecnologia social. Ela mantém um banco de tecnologias sociais, composto pela documentação de projetos implementados de tecnologia social nas mais diversas áreas de aplicação. Os projetos catalogados no banco são selecionados anualmente por ocasião de uma premiação – o Prêmio FBB de Tecnologia Social. Desta forma, a FBB age como uma identificadora de tecnologias

sociais. A FBB apresenta uma definição própria de tecnologia social: aquela que “compreende produtos, técnicas ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social” (FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL, 2018). Essa definição não entra em conflito com a encontrada em Dagnino (2014), podendo ser considerada como uma expressão alternativa das mesmas ideias.

Entre os diversos produtos, técnicas e metodologias do banco de tecnologias sociais, encontramos um *software* livre: o Noosfero. Esse *software* é “uma plataforma web de código aberto para redes sociais e de economia solidária” (NOOSFERO, 2018, tradução nossa). O Noosfero é categorizado pela FBB como uma tecnologia social cujo tema principal é a educação e cujo tema secundário é a renda. Segundo a página descritiva da Fundação Banco do Brasil (2018), “a proposta do Noosfero é que coletivos e organizações deixem de ser simplesmente consumidores de serviços de redes sociais proprietárias e tenham um sistema de produção da sua própria rede social, com autonomia e licenças livres”.

Pela leitura da descrição do Noosfero no banco de tecnologias sociais da FBB, compreende-se que ele permite a inclusão de empreendimentos de economia solidária – EES – na propriedade e administração de redes sociais virtuais. Os EES são excluídos a princípio da possibilidade de produção de suas próprias redes sociais virtuais porque “serviços de redes sociais corporativas são redes privadas transnacionais, com interesses comerciais e que aplicam seus próprios termos e condições sem transparência ou consonância com os interesses públicos locais” (FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL, 2018).

As redes sociais virtuais de EES viabilizam uma cadeia produtiva entre esses empreendimentos, criando não somente uma rede de comunicação, mas uma rede de cooperação na produção e distribuição de produtos da economia solidária. Segundo Dagnino (2014, p. 56), entretanto, as “Redes de Economia Solidária ocupam usualmente espaços pouco interessantes para as grandes empresas intensivas em conhecimento tecnológico” e por isso pouco podem esperar delas em termos de cooperação. Dagnino (2014, p. 60) afirma que “as redes de Economia Solidária devem buscar ocupar todo o circuito econômico onde puderem se inserir conectando entre si, no plano da produção de mercadorias, os empreendimentos situados ao longo das cadeias produtivas”. O Noosfero apresenta-se como tecnologia que viabiliza essa conexão e assim inclui os EES no mercado do qual são, a princípio, excluídos pelo grande capital competitivo.

A análise do Noosfero permite passar para o estudo de caso de duas cooperativas de trabalho que estão relacionadas a ele. A primeira é a Cooperativa de Trabalho em Tecnologias Livres – Colivre, que aparece na página descritiva do Noosfero na FBB como instituição responsável pela tecnologia. A segunda é a cooperativa Educação, Informação e Tecnologia para Autogestão – EITA – que aparece como um dos empreendimentos solidários conectados pela rede social Cirandas.NET, construída

com o *software* Noosfero (CASTRO, 2018). Ambas as cooperativas têm em comum o fato de desenvolverem *softwares* livres e terem alguma relação com economia solidária.

Neste ponto é conveniente lembrar que Triana (2014) considera que o *software* livre é tecnologia social apenas quando a população se apropria plenamente de suas quatro liberdades. Os papéis desempenhados pelas cooperativas Colivre e EITA com relação ao *software* Noosfero, entretanto, permitem identificar que há uma divisão social das liberdades entre elas e os demais empreendimentos cadastrados na rede Cirandas.NET.

A compreensão de Triana (2014) sobre a atuação do *software* livre na inclusão social encontra conexão com uma das vertentes de inclusão digital as quais foram identificadas por Mori (2011, p. 40-42): a apropriação de tecnologias. As outras vertentes – acesso e alfabetização digital – não são consideradas por Triana (2014) como inclusão social e por isso a atuação do *software* livre nessas vertentes não o caracteriza para o autor como tecnologia social.

A questão é que para se estar incluído em uma sociedade da informação, é necessário um domínio de tecnologias da informação. Esse domínio pode se limitar ao uso das tecnologias, mas isso apenas inclui pessoas como parte do capital humano da sociedade. Segundo Kelniar, Lopes e Pontili (2013, p. 10), o capital humano tem valor para a sociedade por impactar “na economia como um todo”, mas embora haja possibilidade do trabalhador experimentar ganhos de renda com investimento em educação – o que inclui qualificação no uso de tecnologias da informação – não há garantia de que isso seja apenas uma situação transitória de melhoria na qualidade geral de vida que se deteriorará em um processo de avanço da automação.

A inclusão que gera usuários serve apenas como reprodução da divisão de classes do sistema capitalista. Em um sistema que produz mercadorias que precisam ser consumidas, é necessário haver consumidores e os usuários de tecnologias da informação são consumidores de mercadoria digitais.

Assim surge uma questão com relação a apropriação que as cooperativas Colivre e EITA fazem do *software* livre em comparação aos demais empreendimentos de economia solidária que compõem a rede social Cirandas.NET. A Colivre, em seu sítio institucional, não se identifica como um empreendimento de economia solidária, embora um de seus “diferenciais” declarados – “a crença na liberdade da informação, na autogestão e no comércio justo” (COLIVRE, 2018) – esteja alinhado com os princípios básicos da economia solidária (SINGER, 2002, p. 10). A EITA se identifica como “uma cooperativa de trabalhadoras e trabalhadores” que “atua junto aos movimentos sociais do campo popular, em suas lutas pela economia solidária [...]” e temas correlatos (EITA, 2018). Ela descreve em seu sítio institucional explicitamente que se trata de “um empreendimento de economia solidária” (EITA, 2018).

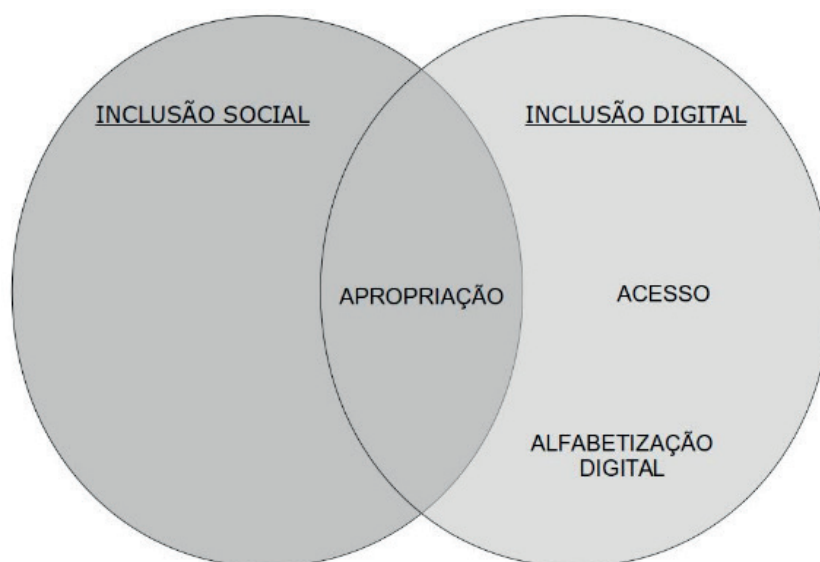
Considerando neste estudo de caso, pelas características identificadas na análise documental, que ambas as cooperativas são de fato empreendimentos

de economia solidária de acordo com o entendimento de Singer (2002, p. 10), verificamos que para elas o *software* livre constitui-se como uma tecnologia social conforme Triana (2014), pois ambas se apropriam inteiramente das quatro liberdades do *software* livre por serem produtoras de *software*. É possível encontrar a produção de *software* livre da COLIVRE no repositório <https://gitlab.com/colivre> e da EITA no repositório <https://gitlab.com/eita>.

Não foi possível investigar cada um dos empreendimentos solidários cadastrados na rede social CIRANDAS.NET, mas a partir da documentação do Noosfero na página da FBB e dos sítios institucionais da COLIVRE e do EITA, inferiu-se que ambas essas cooperativas atuam como fornecedoras dos demais empreendimentos e que estes são apenas usuários da tecnologia Noosfero. Como usuários, eles se apropriam da liberdade 0 do *software* livre, que é “a liberdade de executar o programa como” se desejar (FREE SOFTWARE FOUNDATION, 2018), mas apenas COLIVRE e EITA se apropriam das quatro liberdades de forma plena.

Nesse cenário, de acordo com Triana (2014), o Noosfero não se constitui em uma tecnologia social para a maioria dos empreendimentos de economia solidária que estão cadastrados no CIRANDAS.NET. Ou seja, ele diverge da classificação da Fundação Banco do Brasil para essa tecnologia de *software*. Pode-se concluir que para a FBB o entendimento de inclusão digital é o de acesso ou alfabetização digital, de modo que isso basta que a inclusão digital seja uma inclusão social.

A Figura 1 ilustra a perspectiva de Triana (2014) sobre o que torna o *software* livre uma tecnologia social. Nessa figura vemos o conjunto da inclusão digital contendo as três vertentes descritas por Mori (2011, p. 40-42): acesso, alfabetização digital e apropriação. Na visão de Triana (2014), a inclusão digital se intersecciona com a inclusão social apenas no subconjunto da apropriação da tecnologia. É nessa intersecção que Triana (2014) entende que se encontram os *softwares* livres que são também tecnologias sociais. A FBB já entende que os dois conjuntos estão sobrepostos, ou seja, que a intersecção é igual à união dos conjuntos.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] tanto o mundo do trabalho como o movimento da economia solidária estão em constante alteração, com forças impulsionadoras para a mudança, mas apresentando forças restritivas que competem entre si para avançar na proposta de uma sociedade em construção. (BEATRIZ, 2012, p. 153)

Pode-se considerar que a falta de consenso pode ser uma dessas forças restritivas, pois implica que não haverá apoio de todos os envolvidos para ações que se encontrarem dentro de entendimentos divergentes. Este artigo, de forma crítica, chamou a atenção para o entendimento divergente sobre *software* livre como tecnologia social para um pesquisador e para uma organização não-governamental a partir do estudo de caso do *software* livre Noosfero e de empreendimentos de economia solidária que se relacionam com ele.

De todo modo, há de fato uma intersecção entre tecnologia social e *software* livre e a inclusão é o elemento contido nessa intersecção. A divergência aqui abordada trata do tipo de inclusão que relaciona os dois movimentos sociais: uma inclusão de usuários de tecnologia da informação ou de pessoas que se apropriam da tecnologia da informação.

Pode-se considerar que a compreensão da FBB sobre tecnologia social é, na verdade, a expressão da primeira modalidade de adequação sociotécnica, que consiste no “simples uso da tecnologia” (DAGNINO, 2014, p. 108). Dagnino (2014, p. 187) afirma que a adequação sociotécnica é uma trajetória para o “desenvolvimento de uma TS [Tecnologia Social]”. Assim sendo, o fato do *software* livre Noosfero estar catalogado no banco de tecnologias sociais da FBB pode ser o primeiro passo de um movimento para que ele supere as vertentes de inclusão digital por acesso e alfabetização digital e alcance uma inclusão social plena com a apropriação das quatro liberdades da tecnologia pelos usuários membros de empreendimentos de economia solidária.

No estudo de caso desenvolvido em Lisboa (2018), tendo como base a fundamentação teórica da qual este artigo faz parte, percebeu-se que a relação entre *software* livre e tecnologia social varia de acordo com a participação dos usuários na construção do *software*. Em uma analogia com a mecânica, pode-se compreender a adequação sociotécnica como um processo similar à transformação de energia potencial em energia cinética. Assim, a adequação sociotécnica transformaria uma tecnologia social “potencial” em uma tecnologia social “cinética”, sendo esta última a que caracterizaria plenamente uma tecnologia para inclusão social.

Se o *software* livre fosse uma pedra parada no topo de uma montanha, com energia potencial, a participação dos usuários equivaleria ao ato de pessoas empurrarem a pedra montanha abaixo, gerando energia cinética. A pedra parada, para a FBB, já se constitui em tecnologia social. Para Dagnino, a pedra só se

torna tecnologia social após ser empurrada pelas pessoas – após ter participação dos usuários. Essa participação não se limite ao uso do *software* como artefato tecnológico, mas em sua apropriação, a qual além do acesso e da alfabetização digital inclui a possibilidade e capacidade de modificação e adaptação do artefato.

## REFERÊNCIAS

BEATRIZ, Marilene Zazula. **Economia Solidária**: os caminhos da autonomia coletiva. Curitiba. Juruá, 2012.

CAMINATI, Francisco Antunes. **Terra incognita**: liberdade, espoliação: o software livre entre técnicas de apropriação e estratégias de liberdade. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000906826&fd=y>>. Acesso em: 11 jul. 2016.

CASTRO, Diego Palma de. **Economia solidária e tecnologia social**: a apropriação pelos trabalhadores de empreendimentos econômicos solidários do Cirandas.net. 2018. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/3846>>. Acesso em: 15 mai. 2019.

COLIVRE. **Sobre**. Disponível em <<http://colivre.coop.br/sobre>>. Acesso em 24 jul. 2018.

DIAS, Rafael de Brito. NOVAES, Henrique Tahan. Contribuições da economia da inovação para a reflexão acerca da Tecnologia Social. In: DAGNINO, Renato. **Tecnologia Social**: ferramenta para construir outra sociedade. 2. ed. Campinas, SP : Komedi, 2010.

DAGNINO, Renato. **Tecnologia Social**: contribuições conceituais e metodológicas. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

EITA. **Sobre nós**. Disponível em <<http://eita.coop.br/sobre-a-eita/>>. Acesso em 24 jul. 2018.

\_\_\_\_\_. **Coletivo EITA**: 7 anos. Disponível em <<http://eita.coop.br/2018/06/15/coletivo-eita-7-anos/>>. Acesso em 24 jul. 2018.

EVANGELISTA, Rafael. **O movimento software livre do Brasil**: política, trabalho e hacking. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 41, p. 173-200, jan./jun. 2014.

FREE SOFTWARE FOUNDATION. **O que é software livre?** 2001. Disponível em <<https://www.gnu.org/philosophy/free-sw.pt-br.html>>. Acesso em 16 jul. 2018.

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. **Banco de Tecnologias Sociais**. Disponível em <<http://tecnologiasocial.fbb.org.br/tecnologiasocial/principal.htm>>. Acesso em 19 jul. 2018.

\_\_\_\_\_. **Noosfero**: plataforma web livre para a criação de redes sociais autônomas. Disponível em <<http://tecnologiasocial.fbb.org.br/tecnologiasocial/banco-de-tecnologias-sociais/pesquisar-tecnologias/detalhar-tecnologia-676.htm>>. Acesso em 20 jul. 2018.

KELNIAR, Vanessa Carla. LOPES, Janete Leige. PONTILI, Rosangela Maria. **A Teoria do Capital Humano**: Revisitando Conceitos. VIII Encontro de Produção Científica e Tecnológica. 21 a 25 de outubro de 2013. Campo Mourão – PR. Disponível em <[http://www.fecilcam.br/nupem/anais\\_viii\\_epct/PDF/TRABALHOS-COMPLETO/Anais-CSA/ECONOMICAS/05-Vckelniartrabalhocompleto.pdf](http://www.fecilcam.br/nupem/anais_viii_epct/PDF/TRABALHOS-COMPLETO/Anais-CSA/ECONOMICAS/05-Vckelniartrabalhocompleto.pdf)>. Acesso em 23 jul. 2018.

LAVILLE, Jean-Louis. **A economia solidária**: um movimento internacional. Revista Crítica de Ciências

LISBOA, Flávio Gomes da Silva. **Produção de software livre por uma empresa estatal de tecnologia da informação**: um estudo de caso sob a perspectiva da tecnologia social. 2019. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <<http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/3907>>. Acesso em: 15 mai. 2019.

MELHORAMENTOS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**: interseção. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=RQoNR>>. Acesso em 16 jul. 2018.

MORI, Cristina Kiomi. **Políticas públicas para inclusão digital no Brasil**: aspectos institucionais e efetividade em iniciativas federais de disseminação de telecentros no período 2000-2010. 2011. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/10560>>. Acesso em 23 jul. 2018.

NOOSFERO. **What is Noosfero?** Disponível em <<http://noosfero.org/bin/view/sítio/About>>. Acesso em 20 de jul. 2018.

RITIMO. **Rede de Tecnologia Social**. Disponível em <<https://www.ritimo.org/Rede-de-Tecnologia-Social>>. Acesso em 19 jul. 2018.

SILVA, Heloisa de Puppi. **Proposição metodológica interativa da “tecnologia social” como alternativa pró-sustentabilidade**: pesquisa ação com a COCAAT-MEL em Telêmaco Borba – PR. 2015. Tese (Doutorado em Tecnologia e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/2014>>. Acesso em: 15 mai. 2019.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

STALLMAN, Richard. **Por que o Código Aberto não compartilha dos objetivos do Software Livre**. Free Software Foundation. Disponível em <<https://www.gnu.org/philosophy/open-source-misses-the-point.html>>. Acesso em 16 jul. 2018.

STALLMAN, Richard. MANCE, Euclides. **Declaração Pessoal de Richard Stallman e Euclides Mance**. 15 de dezembro de 2012. Disponível em <<https://stallman.org/solidarity-economy.pt.html>>. Acesso em 16 jul. 2018.

TAURION, Cezar. **Software livre**: potencialidades e modelos de negócio. Rio de Janeiro: Brasport, 2004.

TRIANA, Yago Quiñones. **Tecnologias sociais na era da informação**: o caso das redes de software livre. Revista Contraponto. vol. 1. n. 1. jan/jul 2014. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/index.php/contraponto/article/view/46230>>. Acesso em 16 jul. 2018.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**Luan Vinicius Bernardelli:** Doutorando em Teoria Econômica pela Universidade Estadual de Maringá. Foi *Visiting Scholar* na Southern Cross University (Austrália) (2019). Mestre em Teoria Econômica pela Universidade Estadual de Maringá (2017). Atua nas áreas de Economia monetária e financeira, Economia Regional, Economia da Religião e Economia da Saúde. Também atua como revisor ad hoc em diversos periódicos nacionais e internacionais. Suas principais publicações apareceram em revistas como Estudos Econômicos (USP), *Journal of Religion and Health*, *Local Government Studies*, *Review of Social Economics* e Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos.



## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Agricultura 17, 19, 59, 91, 110, 114, 123, 137

Agroindustrialização 311

Alimentação 19, 107, 123, 124, 137

### C

Consumo 92, 96, 98, 99, 103, 125, 136

Cultura 18, 85, 86, 96, 97, 98, 99, 110, 135, 182, 183, 184, 186, 333, 392, 393, 394, 424, 436, 437

### D

Desenvolvimento 1, 2, 3, 4, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 19, 20, 32, 60, 72, 98, 114, 123, 137, 160, 172, 173, 175, 199, 200, 213, 216, 233, 245, 246, 250, 251, 253, 294, 295, 301, 302, 321, 335, 372, 373, 393, 394

Desenvolvimento Regional 1, 2, 3, 4, 10, 11, 12, 98, 246, 251, 394

Desenvolvimento Socioeconômico 372, 373

Dissidentes 173

### E

Economia solidária 20, 147, 148, 151, 154, 158, 170, 171, 194, 221, 233, 371, 458

### G

Globalização 31

### I

Inclusão Digital 449

Inclusão Social 449

Incubadora 29, 180, 182, 185, 201, 204, 213, 214, 222, 223, 228, 231, 232, 234, 235, 239, 251, 254

Indústria de transformação 299, 300, 302, 304

Indústria extrativa 299, 300, 301, 302, 304

### P

Participação 13, 66, 303, 304

Práticas agroecológicas 112

### R

Rede 166, 170, 171, 204, 205, 207, 212, 214, 228, 229, 232, 349, 453, 459

Redes 32, 213, 216, 218, 454

## S

Segurança alimentar 112, 115, 123, 320

Sociedade Civil 13, 17

## T

Tecnologia Social 233, 449, 453, 457, 458, 459

Território 13, 14, 15, 16, 17, 32, 113, 245

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-505-1



9 788572 475051